

O "ENCONTRO MARCADO"
no divã do analista
e na sala do terapeuta de família

Iara L. Camaratta Anton¹

Resumo

O filme "ENCONTRO MARCADO" é empregado como recurso ilustrativo para apreciarmos alguns tópicos das teorias psicanalítica e sistêmica, no que diz respeito à resolução do Conflito Edípico, quando este permanece vivo e atuante, alimentado por importantes características do sistema no qual se desenvolvem as pessoas em questão.

The "MARKED MEETING"
in divan of the analyst
and in the room of the family therapist

Abstract

The picture "Meet Joe Black" is used here as an illustration for us to analyse some aspects of the psychoanalytic and systemic theories. We can observe, for example, the issue about the resolution of the Oedipus Complex that remains prominent in both sisters, probably stimulated by important characteristics of the familiar system in which they belong.

Sugestão número 1

Antes de ler este artigo, assista o filme "Encontro Marcado". Deleite-se com a beleza das imagens e o romantismo presente. Mas considere que, além dos óbvios momentos de lazer, este filme prima pelas suas metáforas, conduzindo o terapeuta pelas trilhas da psicodinâmica e das pressões oriundas do próprio sistema. Veja se suas reflexões coincidem com as nossas e, por gentileza, enriqueça nosso pensamento compartilhando conosco os seus!

¹ Psicóloga - CRP 07/0370 - AGATEF 275

De que forma opera o "instinto" na seleção de parceiros?

Em se tratando de amor, sexo e casamento, nossas escolhas são, essencialmente, instintivas. É em nossos primeiros anos que aprendemos a ser quem somos e a buscar o que buscamos, da forma como buscamos.

Um bebê depende totalmente de seus cuidadores para aliviar suas tensões, para obter prazer e sentir-se em segurança. Estas imagens primitivas ficam definitivamente registradas em seu mundo inconsciente. Tornam-se referenciais, enquanto objetos que, bem ou mal, respondem a seus anseios e necessidades, enquanto estímulos e modelos de identificação.

Quando nos tornamos adultos, nossos registros e nossa "programação" continuam em plena atividade e à nossa inteira disposição. Boa parte deles opera praticamente "no automático", sem que nos conscientizemos da infinidade de filamentos que une e entrelaça o "aqui e agora" com uma história antiga, que faz parte de nossa bagagem pessoal e que, em nosso mundo inconsciente, ainda se faz presente. Nossa liberdade de escolha é enriquecida e, ao mesmo tempo, limitada pelos referenciais e recursos que armazenamos, associados às influências do sistema, em planos vertical e transgeracional, atual e horizontal. Desde cedo, aprendemos a ler segundo a cartilha que a vida colocou ao nosso alcance, o que influi poderosamente em nosso modo de interpretar os diferentes textos e contextos do presente.

Nós estamos, continuamente, emitindo e captando "micro-sinais", que revelam nosso modo de ser. Estes "micro-sinais" são, essencialmente, não-verbais ou para-verbais. Entre os não-verbais temos a postura, a expressão facial, os gestos, o modo de olhar... Entre os para-verbais, o ritmo da fala, a altura e o tom da voz....

Emitir e captar mensagens é um fenômeno que abrange muito mais do que quaisquer palavras, do que quaisquer discursos que sejamos capazes de fazer. Ainda que possamos camuflar nosso modo de ser por alguns momentos, quando a relação tem alguma continuidade, acabamos por denunciar a nós mesmos. E é baseados nisso tudo que nós fazemos nossas mais diversas escolhas.

Assim sendo, poderíamos dizer que, em se tratando de amor, sexo e casamento, não existe espaço para enganar?

Sim e não. Nós podemos nos enganar na interpretação das mensagens, condicionados por experiências prévias auto-limitadoras, que nos levam a bloquear o acesso a algumas informações sobre aquilo que, na verdade, escancara-se aos nossos olhos. Possessividade, por exemplo, pode ser interpretada como supremo egoísmo, grande insegurança pessoal, sinal de tendências à infidelidade, ciúme descabido ou, ainda, prova de amor... Um caloroso abraço pode ser entendido como sinal de amizade, de amor ou de paixão; como inocente espontaneidade, como vulgaridade ou, até, como ânsia por agradar, decorrente de uma baixa auto-estima...

Certo ou errado?...

A repetição de gestos poderá confirmar, corrigir ou enriquecer as hipóteses iniciais. Qualquer que seja o "destino racional" da repetição dos gestos, esta ficará ligada ao bem-estar, ao mal-estar ou à indiferença.

Resta saber por que, em algumas relações, evolui-se para o mal-estar ou para a indiferença e, contudo, o elo permanece ou, até, bem ou mal, se acentua. Já não cabe mais a hipótese de engano, em casos como estes.

Por que tantas relações, passageiras ou estáveis, são infelizes?

Sentir-se bem, fazer boas escolhas e zelar por elas é fruto de aprendizagem e representa, dia a dia, uma conquista, uma construção, sempre compartilhadas. Boa parte deste processo é inconsciente. E boa parte dele é programado pelo sistema de onde vem e ao qual representam os indivíduos que estão se unindo.

Penso que, neste momento, possa ser útil nos reportarmos a um filme atual, muito romântico e, principalmente, com grande riqueza simbólica. Trata-se do "Encontro marcado". Vamos conduzi-lo a dois espaços diferentes, porém profundamente relacionados: o divã de um analista e a sala do terapeuta de famílias.

Desde o início, impressiona a idealização da pessoa do pai, por ambas as filhas, que o amam, adoram e festejam, cada uma à sua maneira. Ele é, para elas, o mais rico, o mais belo, o mais inteligente e poderoso. As autoridades são convidadas a homenageá-lo.

Ora, do ponto de vista psicológico, este é o "pai edípico", cuja imagem idealizada povoa a fantasia das meninas, desde tenra idade. No filme, inclusive a mãe está morta, outra interessante metáfora.

Muitos homens e mulheres, ao buscarem o amor, buscam as ilusões do amor, baseados em suas fantasias infantis mal resolvidas e agora tornadas inconscientes. Ao depararem com a realidade, decepcionam-se, como se estivessem sendo traídos, não tolerando nem mesmo as mais razoáveis frustrações relacionais. Afastam-se. Fecham-se. Rompem. E partem para outra, numa infindável e sempre frustrante busca.

Mas a filha mais velha, no "Encontro Marcado", ama um homem bom, que também admira e ama ao pai dela, sujeitando-se a tudo para agradá-lo. Esta é para ela, provavelmente, uma das mais importantes "pré-condições para o amor".

Em algumas famílias retentivas, é secretamente proibido amar e vincular-se. O sujeito - homem ou mulher - está autorizado a relações fugazes, com parceiros dispostos ao papel de transeuntes: cumprida a missão de deixar filhos, capazes de garantirem a sobrevivência da família, podem retirar-se. Em alguns destes casos, quanto pior o parceiro, melhor, para mais facilmente ser excluído, sem que seja lastimada a sua ausência.

Em outras famílias retentivas, o amor é possível desde que o parceiro seja fraco e solitário, disposto a ser absorvido, a se sujeitar e a se sentir privilegiado, a partir de sua nova aliança. É o caso do marido da filha primogênita do "Encontro Marcado".

Quanto à mais nova e favorita, esta ama apenas ao pai, e se vincula àquele que representa o "braço direito" deste. Seu namorado é uma extensão da pessoa de seu pai, aparentemente fiel e a serviço dele. Além disso, a aliança na mão direita não representa um casamento, mas sim, apenas, uma promessa. Também aqui a metáfora é sugestiva.

Num dado momento. o pai autoriza e, até, encoraja sua filha caçula à busca do amor...

Autoriza-a depois de ouvir, angustiado, aquele repetido e, quase que sinistro, "yes!"

Ao reconhecer a presença da Morte, o grande empresário torna-se humano, fragiliza-se, busca a companhia das filhas e se prepara para o afastamento previsto. Ele sabe que se vai. Quer as filhas vivas, e a vida se perpetua através do amor. Ele percebe que a ligação da filha caçula com seu próprio "braço direito" a impede de viver. Então, sonha algo de maravilhoso para ela, sugerindo que "o céu poderá se abrir...", outro belo símbolo, pois o céu e a terra se encontram na linha do horizonte, o que atingimos com nossos olhos, mas afastamos na medida em que caminhamos em sua direção. Mas este pai, concretamente, autoriza que a menina abra seus horizontes, ao encorajá-la a buscar um amor que já não seja nem ele e, muito menos, seu "braço direito". Vale insistir: ele sabe que deverá morrer.

Alguns pais e algumas mães, ainda que proclamem o contrário, de modo algum permitem que seus filhos se libertem. O sentimento de abandono e traição é tal que, mesmo casando, tais filhos jamais poderão se ligar a ninguém, nem depois que os pais venham a falecer.

Como se justifica a atração entre a moça do "Encontro Marcado" e o "Anjo da Morte", ou seja. a morte do pai?

Ela tornou-se aberta, disponível. O amor surge exatamente nestas circunstâncias. Muitas pessoas acreditam-se desejosas de terem este encontro mas, por alguma razão qualquer. em seu mundo inconsciente, não estão, de fato, autorizadas a isto, de modo que não localizam parceiros disponíveis e interessados, ou só se aliam a quem as frustrate demais.

Ao surgir o amor, a filha se encontrava algo disponível, mas ainda não estava pronta. O pai, embora a autorizasse, ainda era o amor mais vivo, presente e palpitante. Começava, porém, a morrer. Então, ela se surpreendeu e se incomodou ao encontrar aquele belo

jovem à mesa, com sua família. É uma imagem muito sugestiva. Prefere o rapaz da lanchonete. Reclama. Sente-se enganada e, em alguns momentos, invadida. Estabelece-se um jogo lindo.

Algumas pessoas só conseguem desejar alguém que se encontra e que permanece longe de sua intimidade, de seu cotidiano, de seu espaço familiar. O dia a dia desmancha as ilusões. Mas é nele que se descobre e desenvolve a capacidade de aliar-se e de, efetivamente amar e ser amado. E o amor precisa ser autorizado e, simbolicamente, "abençoado" pela família e amigos, o que torna tão irresistível a busca pelos rituais de casamento. Mas é na intimidade que os casais realmente unidos se desnudam, se descobrem e realizam seus mais primitivos desejos.

Quando os dois personagens do "Encontro Marcado" estão completamente apaixonados, o pai se desespera e se enfurece, pedindo à Morte que deixe sua filha viva. Mas a Morte quer levá-la...

Esta luta existe no íntimo das pessoas. Ficar presa aos seus significa deixar-se morrer... Afastar-se é condição de crescimento, de descoberta ou redescoberta de novos valores. É desejável, é esperado mas, ainda assim, pode ser doloroso. Alguns pais tornam este processo ainda mais complicado, na medida em que aprisionam e sufocam seus filhos, das mais diversas maneiras. Outros os expulsam precocemente do ninho, abandonando-os, sem fornecer os suprimentos de afeto e as garantias de proteção necessárias para que, no devido tempo e da melhor forma possível, sejam capazes de alçar o vôo. Em ambos os grupos, a escolha de parceiros amorosos e sexuais sofre prejuízos, ainda que não venham a ser, necessariamente, infelizes.

Daí que, no filme, misturam-se cenas de ternura e, até, de euforia, com cenas de imensa dor. Após a dança da despedida, lentamente o brilho dos fogos se dilui no horizonte, e o amor surge de onde o pai partiu. Esta cena também se constitui numa imagem equivalente a uma preciosa metáfora: as pessoas do pai e da mãe constituem-se em referências básicas para nossas escolhas amorosas e sexuais. Temos registros muito importantes dentro de nós.

O momento atual está perfeitamente conectado com aqueles que já passaram e nossa liberdade de escolha é guiada por uma série de referenciais, internos e externos, passados e atuais.

Abordagens terapêuticas

Independente dos recursos técnicos empregados, parece-me necessário que o terapeuta "compreenda" o que se passa com seu paciente, seja ele um indivíduo, o casal, a família ou outra comunidade mais ampla. Significa "interpretar" (não necessariamente verbalizar) o que se passa no sistema social do qual o indivíduo se originou, no qual se desenvolveu até este momento, no qual vive e pretende viver. Significa também interpretar o que se passa em seu mundo inconsciente. Neste momento e neste espaço, prefiro usar a expressão "sistema inconsciente".

Há metas a serem cumpridas, para que se efetivem mudanças consistentes na qualidade de vínculos que vem sendo almejada. Há diferentes recursos para que se estabeleça uma boa aliança de trabalho e certamente seria útil documentarmos mais ampla e profundamente nossas experiências terapêuticas e nossas reflexões pessoais, para nos enriquecermos mutuamente.

Um aspecto que vem sendo apontado por uma infinidade de terapeutas atuais, de diferentes orientações teóricas e abordagens técnicas, é que o vínculo entre paciente e terapeuta é a principal alavanca da qual dispomos e uma experiência emocional de valor ímpar, quando as pessoas desejam investir em seu crescimento pessoal e relacional com auxílio de recursos terapêuticos.

Sugestão número 2

Assista novamente o "ENCONTRO MARCADO". Conte-nos se estas reflexões acrescentaram alguma coisa em sua "leitura do filme". Compartilhe conosco suas observações, seus sentimentos, suas conclusões. Queremos ouvir a sua voz!

Referências

- Anton, I. L. C.(1998). *A escolha do cônjuge - um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. ARTMED: Porto Alegre.
- Anton, I. L. C. (1998) O inconsciente. In *A escolha do cônjuge – um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. ARTMED: Porto

Alegre.

- Anton, I. L. C. (1998). Contribuições oriundas da moderna teoria da comunicação. In *A escolha do cônjuge - um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. ARTMED: Porto Alegre.
- Anton, I. L. C. (1998). Os complexos. Complexo de Édipo. In *A escolha do cônjuge – um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. ARTMED: Porto Alegre.
- Beavin, J. H., Don Jackson & Watzlawch, P. (1973). *Pragmática da comunicação humana*. Cultrix: S. Paulo.
- Freud, S. (1974). Artigos sobre a metapsicologia: os instintos e suas vicissitudes; repressão; o inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Imago, Rio de Janeiro.
- Sandler, J. (1990). Sobre a repetição das relações infantis iniciais. In *Da segurança ao superego*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Sandler, J., Rosenblatt, B. (1990). O mundo representacional. In *Da segurança ao superego*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Thomã, H; Kächele, (1992). *Teoria e prática da psicanálise. Fundamentos teóricos*. Artes Médicas, Porto Alegre. .
- Umbarger, C. C. (1983). *Terapia familiar estrutural*. Amorrortu: Buenos Aires.

Endereço para correspondência

iaracamaratta@redemeta.com.br